# A INTRODUÇÃO DOS ESPORTES CALIFORNIANOS NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA O INÍCIO DE UMA DISCUSSÃO

**Leonardo Brandão***

**RESUMO**: Há na contemporaneidade uma grande adesão de jovens aos chamados esportes californianos ou radicais, sendo que, em meio às práticas que configuram estes novos esportes, o skate desponta por possuir, no caso do Brasil, mais de três milhões de praticantes segundo dados do IBGE. Este artigo, ciente do ineditismo que tal tema representa para a maioria dos historiadores do contemporâneo, busca construir articulações históricas que permitam o início de uma aproximação entre eles e estes novos domínios temáticos, enfatizando, todavia, a introdução do skate no Brasil e o surgimento das primeiras revistas destinadas a um público jovem e "radical".

**PALAVRAS-CHAVE**: Esportes Californianos; Juventude; História Contemporânea.

**ABSTRACT**: There is a large membership in the contemporary of the young Californian named sports or radical, and, amid the practices that make up these new sports, the skateboard due to emerge in the case of Brazil, over three million practitioners according to the IBGE. This article, aware of the novelty that this issue is for most of the contemporary historians, seeks historic building joints that allow the beginning of a rapprochement between them and these new areas, emphasizing, however, the introduction of skateboard in Brazil and the emergence of first magazine to a young audience and "radical".

**KEYWORDS:** Californians Sports; Youth; Contemporary History.

* Bacharel em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com bolsa integral pela Capes.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Não tem um jeito só de ser radical.*
Paulo Leminski

Não são poucos os pesquisadores que apontam as décadas de 1950 e 1960 como um período inicial de grandes mudanças comportamentais ocorridas em diversas partes do mundo e articuladas, na maioria das vezes, a ascensão de uma noção de juventude contemporânea. O historiador britânico Eric Hobsbawm (1995), por exemplo, em seu clássico livro sobre o século XX, afirma ser este período uma época marcada por uma espécie de "revolução cultural". Em sua análise, entre as diversas transformações que caracterizam este momento histórico, como o aumento no número de divórcios e o consequente crescimento na quantidade de famílias monoparentais; ou o advento de uma maior liberalização sexual com a venda de anticoncepcionais e com isso uma maior liberdade na conduta feminina, as maiores e mais importantes mudanças ocorreram no campo da cultura juvenil, passando a ascensão desta a indicar um profundo desequilíbrio na relação entre as gerações. De acordo com Hobsbawm (1995, p. 323),

> [...] a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.

O historiador brasileiro Marcelo Ridenti, ao abordar esta revolução cultural nas décadas mencionadas, enxerga o ano de 1968 como um clímax desse movimento. Para ele, além dos exemplos mais conhecidos da França (maio de 68), Estados Unidos (emergência do movimento hippie) e Brasil (luta armada contra a Ditadura), o ano de 1968 foi de "agitação e protesto em países do mundo todo: México, Itália, Alemanha, Japão, Egito, Senegal, Suécia, Bélgica, Holanda, Inglaterra etc." (RIDENTI, 2005, p. 153), sendo todos esses movimentos direta ou indiretamente relacionados com a ascensão da juventude como uma categoria social e com a formação de uma cultura juvenil.

Num primeiro momento, portanto, cabe compreender o que se quer dizer com cultura juvenil, quais foram suas áreas de expressão e por quais mecanismos ela se estruturou. Para isso, é importante perceber - e justamente para não focar a análise somente na idéia de indústria cultural - que a

realidade que se desenhava a partir da segunda metade do século XX vinha marcada pelos horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Foi a juventude saída dos escombros desse mundo decomposto pelas bombas que, de uma forma ou de outra, buscou inaugurar um novo *modus vivendi,* ou seja, outras e renovadas formas de pensar, sentir e representar o meio social. Assim, se num plano mais imediato "o caráter destrutivo da guerra produziu reflexões sobre os limites do uso da ciência e da tecnologia", como coloca o historiador Enrique Serra Padrós (2000), suas consequências passaram a se fazer presentes em diversas esferas da cultura, alterando percepções e possibilitando posicionamentos sociais diferenciados. Neste sentido, cabe ressaltar a importância do *rock and roll*, estilo musical que se tornou um dos fenômenos culturais mais marcantes do século XX por apresentar uma postura diferente do conservadorismo social, cultural e estético até então vigentes no período. Para Paulo Puterman (1994, p. 101), "por ser uma música destinada ao jovem e exigida por ele, o rock trouxe consigo o germe da insatisfação". Assim, "de Elvis Presley a Jimi Hendrix, passando pelos Beatles, o rock pautou musicalmente as mudanças sociais do seu tempo" (PADRÓS, 2000).

Além do *rock*, ritmo musical que talvez melhor traduza o surgimento dessa cultura jovem[1] - a formação dessas novas formas de ser/estar também se identificam com o cinema do pós-guerra e com a influência, crescente desde então, dos filmes hollywoodianos. Ídolos como James Dean, Marlon Brando, Ben Cooper ou Antony Perkins, ao mesmo tempo em que tinham suas carreiras marcadas pelo sucesso comercial, passavam a estimular muitos jovens de classe média a uma trajetória de liberalização e rebeldia, a qual não tardaria, de acordo com a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2005, p. 10), a se tornar um "fenômeno de massa".

Especialmente nos países capitalistas do Ocidente, principalmente nos Estados Unidos, mas também no Brasil, a segunda metade do século XX assistiu a uma juvenilização da cultura e com ela a busca por novos canais de expressividade. Muitos jovens, em maior ou menor escala, passaram, através de suas práticas sociais e atitudes cotidianas, a reivindicarem que outro mundo era possível, não mais aquele da guerra, do militarismo, da repressão e da sisudez - ou do trabalho incessante e com ele o pouco

[1] De acordo com Simone Pereira de Sá, Marcelo Garson e Lucas Walternberg, o rock é uma "grande matriz de comportamento e estilo de vida juvenil da segunda metade do século XX". In. Culturas juvenis no século XXI. BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (orgs.). São Paulo: EDUC, 2008, p. 172.

tempo dedicado ao lazer – mas sim um mundo com características diferentes, de realidades mais abertas ao prazer, ao lúdico e a alteridade, sendo a música *Imagine* de John Lennon, a canção *blowing in the wind* de Bob Dylan, ou o hino anti-militar de Geraldo Vandré[2], alguns exemplos dessas utopias levadas a sério. Conforme coloca Ridenti, devem-se aos jovens o "aparecimento de aspectos precursores do pacifismo, da ecologia, da antipsiquiatria, do feminismo, de movimentos homossexuais, de minorias étnicas e outros que viriam a desenvolver-se nos anos seguintes" (RIDENTI, 2005, p. 157).

Havia, portanto, a gestação de uma nova ética cultural jovem no período, novas esperanças e novos sonhos de liberdade. Mas é preciso atinar, e aqui levando em conta a realidade brasileira, que uma série de mudanças nas condições materiais de vida também abriam caminho para que se frutificassem novas formas de ações políticas e culturais. Segundo Marcelo Ridenti, o Brasil da década de 1960 apresentava uma:

> Crescente urbanização, consolidação de modos de vida e cultura das metrópoles, aumento quantitativo das classes médias, acesso crescente ao ensino superior, peso dos jovens na composição etária da população, incapacidade do poder constituído para representar sociedades que se renovavam, avanço tecnológico - por vezes ao alcance das pessoas comuns, que passaram a ter cada vez mais acesso, por exemplo, a eletrodomésticos, notadamente aparelhos de televisão. (RIDENTI, 2005, p. 156).

Além desse quadro de urbanização e tecnologização – sobretudo no tocante à classe média brasileira - é preciso recordar que em meados da década de 1960 o país passou a caminhar com pernas de chumbo. Os militares, que haviam tomado o poder em 1964, quando da deposição de João Goulart, inauguravam os famosos atos institucionais como prática política brasileira. Neste contexto, o ano de 1968 ficou caracterizado como a data da imposição do AI-5, atitude que marcou definitivamente a instalação da ditadura no país. Embora o golpe tenha descartado as reformas de base de Jango, as quais visavam, entre outros fatores, uma melhor distribuição de renda e uma ampliação da justiça social, ele não conseguiu "calar", a contento, setores significativos da sociedade brasileira da época - mesmo com todo seu sistema de censura à imprensa e à liberdade de expressão.

Deste modo, foi por meio da arte - principalmente da música - que muitos intelectuais, jovens e artistas, a exemplo de Chico Buarque, Geraldo

[2] Trata-se da canção "Para não dizer que não falei das flores".

Vandré, Caetano Veloso, entre outros, que se construiu um canal de contestação ao regime. Embora grande parte da juventude politizada se expressasse por movimentos artísticos, musicais, passeatas etc., havia também um outro tipo de expressão, caracterizada por atividades que estavam se introduzindo no país – como o surf ou o skate – que pouco ou nada se assemelhavam às lutas por representação política até então observáveis historicamente. O fato é que essas novas práticas corporais passaram a se desenvolver no Brasil numa época marcada pela ditadura militar, mas a "contestação" que promoviam tinha menos a ver com os dilemas políticos da época do que com os comportamentos, costumes ou mesmo com os próprios esportes que eram, até o momento, aceitos ou admirados socialmente[3].

Desde 1964, portanto, até o ano de 1985, se o Brasil foi regido por governos militares, ele também foi palco de inúmeras agitações juvenis, como os movimentos de contracultura, o tropicalismo e os estilos hippie e a moda punk, a música rock e, no caso enfatizado por este artigo, dos esportes californianos, sobretudo o surf e o skate. Outro ponto importante a ser colocado é que tais governos militares tinham sua justificativa ideológica no combate ao comunismo e, por isso, dentro do contexto da Guerra Fria, aproximaram-se sobremaneira dos Estados Unidos da América. Num mundo marcado pela bipolaridade, ou geralmente se estava do lado da URSS ou dos EUA[4]. Por diversos motivos o mundo comunista foi representado no Brasil, através da Igreja Católica ou dos meios de comunicação de massa – como fazem ver os estudos de Anna Cristina Figueiredo (1998) e Carla Simone Rodeghero (2002) - de forma pejorativa. Assim, se desde a década de 1940 a penetração cultural norte-americana já se fazia presente no território brasileiro, como afirma a socióloga Lúcia Lippi Oliveira[5], a

[3] Como exemplo, basta lembrar, como coloca o historiador Eliazar João da Silva, que o futebol no período vinha sendo construído como um dos grandes símbolos da Identidade Nacional do país. SILVA, Eliazar João da. *A taça do mundo é nossa!*: o futebol como representação da nacionalidade. Governador Valadares: Ed. Univale, 2006, p. 41.

[4] Em 1955 ocorreu a Conferência de Bandung na Indonésia, na qual se reuniram os líderes de 29 nações recém-independentes afro-asiáticas. Os debates acabaram por afirmar um novo conceito em geopolítica, o do Terceiro Mundo, composto por nações pobres e que não se alinhavam nem do lado soviético nem do norte-americano. No entanto, é importante ressaltar a ausência nessa conferência de países latino-americanos, que embora constituíssem regiões pobres, estavam sob direta influência do capitalismo norte-americano.

[5] De acordo com a pesquisadora, "É preciso lembrar que foi nos anos 40 que teve lugar a marcante penetração cultural norte-americana (no Brasil), como resultado de uma ação política governamental dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial". OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos*: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 19.

aproximação entre os dois países (Brasil/EUA) durante os governos militares possibilitou a inserção, e numa escala cada vez maior, da presença dos costumes, dos esportes e da cultura norte-americana na vida brasileira.

A chegada do skate no Brasil durante a década de 1960 e sua proliferação enquanto prática cultural, atividade física ou esportiva compreende, portanto, esse fluxo de entrada de diversos aspectos da cultura estadunidense no Brasil, ou mais especificamente, da introdução e desenvolvimento dos "esportes californianos" no país.

De uma maneira geral, os esportes - como um todo - passaram a se difundir depois das Guerras Mundiais, mas foi mais precisamente a partir de 1970 que eles adquirem um caráter mais massificado. Em termos estatísticos, por exemplo, a pesquisadora Sophie Body-Gendrot (1991, p. 559) nota que a quantidade de praticantes de atividades físicas de caráter esportivo aumentou consideravelmente durante a segunda metade do século XX, sendo que "entre 1960 e 1980, o número de americanos que praticam um esporte passou de 50 para 100 milhões".

Para o historiador Georges Vigarello (2008), a partir das últimas décadas do século XX houve um acelerado processo de aprimoramento de novos materiais e técnicas corporais que, conjugadas com um período de grandes revoluções culturais nas sociedades ocidentais, acabou por ramificar as atividades esportivas em práticas que se desenvolveram ligados a movimentos juvenis e sem muita relação com os outros esportes de caráter já mais tradicional. Assim, o skate, o surf, o esqui, entre outros, seriam para este historiador a expressão de novas manifestações esportivas ligadas tanto à invenção de máquinas lúdicas quanto ao aumento do hedonismo nas sociedades contemporâneas. Tais práticas, portanto, teriam se desenvolvido de forma muito singular, distante das demais atividades esportivas conhecidas desde o século XIX ou início do século XX. De acordo com Vigarello (2008, p. 238).

> Trata-se, no entanto, de mudança mais profunda. Muitas práticas novas, desde as décadas de 1970 e 1980, se desenvolveram à margem dos esportes tradicionais. Muitas delas reivindicam uma "contracultura", uma pertença específica, essa resistência às instituições que a sociedade mais individualista parece manifestar nos dias de hoje.

Como também nota Christian Pociello (1995), professor da Universidade de Paris e diretor do *Centre de Recherches sur la Culture Sportive*, essas novas práticas esportivas representam uma mudança no registro das práti-

cas culturais normalmente incluídas entre os exercícios físicos de caráter esportivo. Deste modo, atividades como *surf, bike, snow board, rapel, rafting, bungee jump, trekking, wakeboard, wind surf, skate, roller* e *vôo livre* - os quais figuram como os exemplos mais conhecidos e de maior popularidade - trariam não só uma proposta diferenciada de exercícios físicos, mas uma própria mudança no que se convencionou a classificar como "esporte". Segundo o autor, pode-se notar nessas atividades uma tendência à estetização e produção de novos gestos e investimentos corporais, individualizando os comportamentos em oposição aos esportes de jogo coletivo. Além disso, observa também que essas atividades requerem novos espaços de exercício, os quais não correspondem aos tradicionalmente elaborados para a prática esportiva. Para Pociello (1995, p. 117), "a hábil pilotagem dessas máquinas, como o surf, o skate, pranchas, asa deltas e caiaques, produz novos gestos acrobáticos ou aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos".

São dois os nomes pelos quais ficaram mais conhecidas essas novas atividades físicas: Esportes Californianos e/ou Esportes Radicais. O primeiro diz respeito à geografia, pois pelo fato de terem sido inventadas ou desenvolvidas com maior rigor na Califórnia/EUA, deu-se ao conjunto delas o nome de Esportes Californianos. Já o segundo termo localiza mais as fortes excitações que tais atividades provocam em seus praticantes, por isso o nome Esportes Radicais, sendo também possível encontrar algumas variações como Esportes de Ação ou Esportes Extremos (*Extreme Sports*). Interessante notar, como coloca o jornalista Renato Moreira de Andrade (2008), que o skate foi o primeiro dessas novas práticas a ser chamado pelo termo "Radical". Nas palavras da historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna, essas novas atividades esportivas, além de romperem com a estética de muitas práticas mais tradicionais, alteraram também o ideal de força outrora encontrado na raiz das competições esportivas. Não tanto a força dos músculos, mas sim a flexibilidade e a busca pelo equilíbrio estariam no cerne performático em questão. Segundo as palavras da Sant'Anna

> Os esportes californianos, por exemplo, que se expandem em várias partes do mundo a partir dos anos 70, têm por objetivo menos o cansaço salutar – característica dos antigos esportes comprometidos com os ideais higienistas de salvação de uma raça – do que a vivência de sensações de prazer, físicas e mentais, imediatas e inovadoras. O surf, a asa delta, o wind-surf, por exemplo, conduzem o olhar do esportista menos em direção à força realizada por seus músculos do que às flexi-

> bilidades motoras que ele é capaz de manter sob controle. De onde se explica, nessas atividades, o emprego de verbos que evocam o prolongamento de sensações de prazer e de controle do conjunto dos movimentos, tais como voar, escorregar, equilibrar. (SANT'ANNA, 2000, p. 19).

Como já colocado, o skate representa um dos esportes californianos mais praticados no Brasil, por isso ele serve de exemplo neste artigo que tem por objetivo elaborar alguns conhecimentos sobre o tema. No item que segue a leitura, a intenção é colocar alguns dados referentes – construídos por meio da história oral e através de entrevistas analisadas em revistas especializadas sobre esta atividade – acerca da introdução desta atividade no Brasil, sendo que, até o momento, tais sinais apontam para a cidade do Rio de Janeiro como um dos primeiros lugares onde começou a ser praticado o skate no país, que na época – década de 1960 – era mais conhecido como "surfinho".

## 1 A INTRODUÇÃO DO SKATE NO BRASIL

A chegada do skate no Brasil durante a década de 1960 e sua proliferação enquanto prática cultural, atividade física ou esportiva compreende, portanto, esse fluxo de entrada de diversos aspectos da cultura estadunidense no Brasil. Em um estudo coletivo sobre a prática social e corporal do skate, realizado por professores ligados à Universidade de Concepción, no Chile, e coordenado pelo Prof. Dr. Miguel Cornejo Améstica, é colocado ser nos Estados Unidos da América, mais especificamente na Califórnia, o lugar "donde se produce un explosión de prácticas corporales que van recorrer el mundo. Estas prácticas se les denominan *Deportes Californianos* y incluyen el Skate, Surf, WindSurf etc." (AMÉSTICA, 2006, p. 42).

O skate foi uma invenção estritamente norte-americana, de jovens californianos que - segundo a versão mais divulgada pelos meios de comunicação específicos sobre skate – passaram a improvisar tábuas sobre rodas para "curtir" no asfalto em épocas de maré baixa para o surf. Sua invenção, mais do que uma aposta mercadológica ou uma estratégia de *marketing*, deveu-se à criatividade, à astúcia e às brincadeiras de rua juvenis. Há um vídeo documentário norte-americano intitulado "*Dogtown and Z-Boys*" (PERALTA, 2001), lançado pela *Alliance Atlantis*, que aborda grande parte desse processo de invenção e construção do skate nos EUA. Este documentário - analisado de forma pormenorizada no primeiro capítulo de minha dissertação de Mestrado em História (BRANDÃO, 2007) - reve-

la como a construção do skate nos EUA ocorreu no ambiente de ascensão da juventude como uma categoria social importante no período.

Após o lançamento deste vídeo documentário no ano de 2001, a diretora de cinema norte-americana Catherine Hardwicke (que dirigiu, entre outros, o filme "Aos Treze"- *Thirteen*/EUA/2003 – sobre os "excessos" na vida de uma adolescente), o considerou um produto que poderia, para além de seu formato documental, com cenas e imagens de época, também ser produzido como um longa-metragem, contando com um elenco de atores profissionais no lugar dos skatistas. Desta idéia, surgiu no ano de 2005 o filme "*Lords of Dogtown*", que foi exibido em diversos cinemas do Brasil e no exterior. Sobre "*Lords of Dogtown*" – ou os "Reis de Dogtwn", em sua versão para o português – a Revista Veja o considerou um importante registro cinematográfico de "uma das mais poderosas culturas californianas: a do skate"[6].

No Brasil, a introdução dessa atividade ocorreu, de acordo com César Chaves (2000, p. 13), um dos primeiros skatistas do país, durante a década de 1960 na cidade do Rio de Janeiro, através de alguns surfistas cariocas que surfavam no Arpoador e que acabaram por descobrir a existência do skate nas páginas de revistas norte-americanas destinadas ao surf, como a *Surfer* e a *Surfing,* as quais passaram a exibir, além do surf, também imagens de skate. De acordo com o pesquisador Tony Honorato (2004), "há rumores do surgimento do skate no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa". Embora o ano exato de introdução do skate no Brasil seja difícil de determinar com clareza, não há dúvidas de que sua prática teria começado durante a década de 60 do século passado. O próprio César Chaves – ou Cesinha Chaves, como ficou mais conhecido entre os skatistas – relata que seu envolvimento com o skate começou no ano de 1968, sendo que na época o skate era mais conhecido como "surfinho", pois eram os surfistas "que tentavam imitar no asfalto as manobras praticadas nas ondas do mar"[7]. Em uma entrevista para o jornalista Cauê Muraro, Cesinha Chaves revelou que

> Meu primeiro interesse com o skate foi em 1968, quando comecei a surfar. Naquela época a gente fazia o nosso surfinho da maneira que dava, cortávamos compensados e tábuas com formas de pranchinhas e pregáva-

[6] Revista *Veja*, ano 38, n. 42, 19 de outubro de 2005, p. 162.

[7] Revista *Tribo Skate*, 1999, n. 50, p. 37.

> mos patins com rodas de borracha, que usávamos com a regulagem do eixo super solto, pra fazer as curvas de surf no asfalto. Nessa época fui com meus pais para Petrópolis, que é serra e não tem praia. Fui andar de skate num rink de patinação que tinha perto do Quitandinha, e me lembro do impacto que o skate causou naquele pessoal.[8]

Nesse contexto de introdução de práticas californianas no Brasil, como a do surf e a do skate, deve-se compreender, como coloca o historiador Rafael Fortes (2008), que o surf já havia se consolidado nas areias do Rio de Janeiro, principalmente em Copacabana e no Arpoador, durante as décadas de 1950 e 1960, sendo que em 1965 teria surgido uma Federação Carioca de Surf, o que bem possibilitaria essas trocas culturais. Num artigo em que aborda aspectos da história do surf no Brasil, Fortes coloca que a construção dessa atividade ocorreu de forma paralela à de outras práticas, como a do skate ou a do body-board, e afirma que "diversos agentes se envolveram com mais de um esporte, de maneira que houve intensa circulação" (FORTES, 2008, p. 14).

Embora associado ao surf e tendo seu desenvolvimento ligado aos surfistas nas décadas de 1960 e 1970, o pesquisador norte-americano *Michael Brooke* (1999), autor do livro "The concrete wave: the history of skateboarding", aponta que antes desses jovens de praia praticarem o "surf de asfalto", havia uma outra espécie de *skate* que, de forma rudimentar, já vinha sendo praticado por jovens norte-americanos. Tratava-se das *scooters*, nome em inglês dado para aqueles patinetes de madeira – alguns feitos até com caixas de laranja – que continham um guidão como um ponto de equilíbrio. Segundo o jornalista Marco Antonio Lopes[9], sem esse "leme", jovens norte-americanos já deslizavam pelas ruas nas décadas de 1920 e 1930.

Também um outro pesquisador norte-americano, *Rhyn Noll* (2000), afirma em seu livro "Skateboard retrospective" que o primeiro skate foi patenteado em 1939, contando com um *shape* (prancha de madeira), quatro rodas e dois eixos. A descoberta de *Rhyn Noll* fornece um tempo de existência ao skate que já ultrapassa meio século, mas que não significa, como o próprio autor sustenta, que ele era uma prática constante entre os jovens do período, afirmando ser somente a partir das décadas de 1950 e 1960 que o skate começa a acontecer com maior intensidade junto aos jovens

[8] Entrevista com Cesinha Chaves por Cauê Muraro. Disponível em: <www.ncanal.com.br/busca/main.cgi?target=http://www.brasilskate.com/50.html>. Acesso em: 3 dez. 2008.

[9] Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2005/conteudo_102868.shtml>. Acesso em: 5 dez. 2008.

estadunidenses.

No Brasil, é possível inferir que da mesma forma que o skate seduziu jovens surfistas nas décadas de 1960 e 1970 em regiões litorâneas como o Rio de Janeiro, o mesmo aconteceu com o pessoal adepto do carrinho de rolimã em cidades onde não havia praia[10]. Segundo recorda Carlos Eduardo Tassara, skatista da cidade de Guaratinguetá/SP, no início da década de 1970, o skate foi visto como uma imensa novidade pelos praticantes do carrinho de rolimã, sendo que em pouco tempo esses migraram para o skate. Segundo Tassara, um lugar bastante praticado pelos jovens de Guaratinguetá foi o Itaguará Country Club, "que tinha uma descida recém asfaltada, onde a prática do skate era perfeita". "Passamos a andar lá", recorda o skatista[11].

Como colocado por Tiago Cambará Aguiar (2008, p. 21) em sua dissertação de Mestrado, deve-se levar em consideração, ao se estudar a prática do skate, a propriedade que esta atividade possui em agregar pessoas em torno da excitação e do prazer que propicia aos seus praticantes. Assim, embora a atividade do skate ocorra de forma individual, os skatistas sempre estão em grupos. Ninguém, como relembra o skatista Carlos Eduardo Tassara, saia para andar de skate sozinho, "nós sempre íamos em equipe"[12].

Como demonstram inúmeras fotografias sobre skate no período (veiculadas por em revistas especializadas nesta prática), os skatistas faziam do estilo de vestir uma forma de se diferenciarem dos mais adultos ou de pessoas que não estavam envoltas a esta prática cultural. Na década de 1970, os corpos desnudos, o uso das calças jeans, do cabelo comprido ou dos shorts floridos faziam do "estilo" algo que ultrapassava o corpo físico e o marcava como forma de identificação, símbolo de agregação e formação de um mesmo corpo social, visto, pela ótica do sociólogo Michel Maffesoli (1987), como tribal. No livro "O tempo das tribos", Maffesoli demonstra que, além de uma vida social burocratizada e racionalizada, houve, a partir da década de 1960 um retorno dos microgrupos através de várias manifestações do cotidiano. Essas formações de núcleos de convivência

[10] Também jovens que praticam rolimã em cidades de praia podem ter se interessado pelo skate, ou conforme coloca Cesinha Chaves, "Em outros lugares pode ter havido também uma infiltração do skate, talvez através de alguns surfistas paulistas que freqüentavam o litoral". Fonte: Entrevista concedida em 18/05/2005 (arquivo pessoal).

[11] Disponível em: <http://www.skatecuriosidade.com/2008/10/as-raizes-do-skate-de-guaratinguet.html>. Acesso em: 3 dez. 2008.

[12] Em entrevista realizada em Dezembro de 2008 (arquivo pessoal).

social, caracterizadas muitas vezes por padrões estéticos, musicais ou comportamentais apreciados de maneira mais ou menos igual por membros de um determinado grupo, estariam manifestos em diversos sinais de reconhecimento, sendo o skate um fator de união entre diversos jovens na época.

## 2 O SURGIMENTO DAS REVISTAS JUVENIS

No Brasil, o primeiro veículo de difusão sistemática dessa cultura jovem ocorreu através da mídia impressa, numa aposta da Editora Abril em reconhecer o jovem como uma massa concentrada e que possuía poder de compra. De acordo com a socióloga Alzira Alves de Abreu (2002) - a qual realizou um estudo sobre a modernização da imprensa no país - o Brasil dos anos finais de 1960 e por toda a década de 1970, vinha passando por uma renovação editorial bastante significativa, onde novas revistas surgiam e novos temas "saltavam aos olhos". Segunda ela, as revistas ilustradas que tiveram seu apogeu nos anos 60 (como *O Cruzeiro, Manchete, Fatos e Fotos*, entre outras), acabariam por desaparecer em função do advento e da massificação da televisão (ABREU, 2002, p. 18). Mas este fato, embora negativo para a produção impressa, não significou sua total derrocada. Em 1968, com o lançamento da revista *Veja*, criada pelo jornalista Mino Carta, houve posteriormente uma retomada das produções, especialmente das revistas, que passaram a se orientar por caminhos diversos, buscando na seleção das matérias e no seu direcionamento a um público mais específico uma forma de caminhar paralelamente ao sucesso da televisão. Assim, deste modo, foi a partir desta época que surgiram publicações com o objetivo de alcançar um público mais específico, composto por padrões mais ou menos verificáveis de comportamento, faixa etária e hábitos culturais, como foi o caso em questão com o público jovem.

Neste contexto, portanto, nascia em novembro de 1972 a Revista *Geração Pop* – ou simplesmente Revista *Pop*, como ficou mais conhecida – tornando-se a "primeira publicação impressa brasileira direcionada deliberadamente ao público jovem" (2003a, p. 02). Lançada com uma periodicidade mensal e em nível nacional, esta publicação contou com 82 edições em seus quase sete anos de existência, que se deu entre novembro de 1972 e agosto de 1979. Deste modo, apesar da revolução cultural comentada neste artigo ter se iniciado durante a década de 50 do século passado, foi somente a partir dos anos 70 que surgiu no Brasil uma publicação destinada de forma específica ao público juvenil. Em seu editorial de estréia em

novembro de 1972, a revista expressava sua razão de ser.

> Este é o primeiro número da primeira revista da nossa idade. Feita especialmente para você jovem de quinze a vinte e poucos anos de idade. Com coisas do seu interesse, que, além de informar e divertir, também sejam úteis. Indicações para você comprar as últimas novidades em discos, livros, aparelhos de som e fotografia, máquinas e motocas, roupas incrementadíssimas. Orientação na escolha de uma profissão, reportagens sobre assuntos da atualidade. E muita música, claro. Veja a revista. Depois, escreva para a gente. Nós queremos saber o que você achou. (Revista *Pop*, Editora Abril Cultural, n. 1, 1972, p. 04).

De acordo com Luís Fernando Rabello Borges (2003), que escreveu uma dissertação de Mestrado sobre esta revista – um dos poucos estudos feitos no Brasil sobre a *Geração Pop* – em sua edição de número 44, de novembro de 1976, a própria revista, após quatro anos de existência, reitera de forma bastante enfática sua linha editorial. No texto escrito por Okky de Souza, a revista *Pop* afirma-se como um importante veículo de cultura jovem.

> Há exatamente quatro anos, nesse mesmo mês de novembro, chegava às bancas de todo o Brasil a primeira edição de POP. Poucos dias depois, o surpreendente volume de cartas de leitores que invadiu a redação confirmava nossas expectativas: POP vinha para ocupar um importante lugar no jornalismo brasileiro, como a única publicação dirigida ao jovem, em todas as suas necessidades de leitura e informação. Apesar de abrir suas páginas a todos os temas que apaixonam e preocupam o jovem de nosso tempo, é a música pop que faz o ponto de união entre os leitores da revista. (Revista *Pop*, Editora Abril Cultural, n. 44, 1976, p. 61).

Segundo a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2005, p. 08), a revista *Pop* passou a "atrair milhares de jovens da classe média e aproximá-los do mercado especializado na venda de novos acessórios e roupas para as atividades esportivas em expansão". Na década de 1970, dentre estas atividades esportivas "em expansão", encontravam-se de forma reticente nas páginas da revista *Pop* tanto o surf quanto o skate. Segundo Luís Fernando Borges (2003, p. 07), o propósito da revista era justamente o de buscar um contato com o público jovem, e para isso ela veiculava as últimas novidades surgidas no acelerado mundo da cultura juvenil, recheando suas páginas de artistas como "Elton John, Secos & Molhados, os últimos campeonatos de surf e skate".

De fato, a *Pop* coroava em suas páginas um investimento na cultura

juvenil que desde pelo menos os anos 50 do século passado já vinha sendo feito no Brasil. Conforme coloca Sant'Anna (2008, p. 60), foi a partir do final da década de 1950 que a imprensa brasileira passou a demonstrar o quanto o brilho de uma "juventude transviada ofuscava a placidez de formalidades e austeridades até então vigorosas". Se a juventude e a modernidade, nos idos anos JK, passavam a combinar perfeitamente com a expansão do consumo, a década seguinte já preparava ainda mais o ambiente para se investir na compra de produtos industrializados enquanto um passaporte para felicidades e construções de novas aparências. Nas palavras da autora, "desde o começo da década de 1960 até os dias atuais, a construção de si, incluindo o corpo e os sentimentos que nele se expressam, passou a ocupar um lugar central na cultura de massas" (SANT'ANNA, 2008, p. 64).

A *Pop* se valia desse consumo juvenil como alavanca para conseguir patrocinadores e, ao mesmo tempo em que idealizava, também retratava os modos e costumes dos jovens de então. Na capa de sua edição de novembro de 1977, ela comemorava em letras garrafais que "PINTOU O VERÃO!", estampando um jogo de imagens fotográficas que, composta tal como um mosaico, objetivava tanto traçar um painel do que se encontrava em seu conteúdo quanto captar os olhares de quem passasse por uma banca de revistas: garotas de biquíni, jovens surfistas "entubando" uma onda, astros do rock descontraídos e sem camisa, manobras "de arrepiar" de skatistas em grandes tubos de concreto.

De fato, esta edição da revista *Pop* se valia dos corpos magros e bronzeados como espetáculo aos olhos e desejos dos leitores. Como coloca Georges Vigarello (2006) no livro "História da beleza", trata-se de uma época onde se introduz um maior ritmo às expressões e aos movimentos, com sorrisos mais expansivos e corpos mais desnudos, aspectos estes acentuados pelos espaços de férias, praias e práticas de lazer. Assim, garotas na praia desfilavam com refrigerantes de coca-cola enquanto inúmeras fotos de corpos em trajes de banho eram acompanhadas de frases do tipo: "Como não poderia deixar de ser, neste verão as tangas continuam diminuindo. Alegria geral!". Todo esse hedonismo celebrava a juventude como a melhor época da vida, e o verão como a melhor estação do ano. No entanto, nem tudo é praia e nem todos os leitores estavam necessariamente situados no Rio de Janeiro. E para eles, havia manchetes como "Aproveite os bons fluídos do sol e saia pra rua. Programas é o que não falta. Você pode inventar loucuras com o skate".

Diferentemente do que iria ocorrer com o advento de outras publicações destinadas aos jovens durante a década de 1970, a Revista *Pop* não via o skate enquanto objeto de um grupo em particular de jovens, ou de uma "tribo urbana", para utilizar esta recorrente metáfora sociológica inventada por Michel Maffesoli (1987). O skate era um objeto a mais nessa cultura juvenil, ele aparecia na revista ao lado de motos, festas, garotos segurando pranchas de surf, casais se beijando... Ao se levar em conta a linha editorial da *Pop*, não estava formada uma segmentação no mercado que justificasse, de forma tão contundente quanto nos dias atuais, uma individualização dessas práticas culturais.

Desta forma, o skate era um dos símbolos juvenis em ascensão no período, que por contribuir na vendagem da revista, era constantemente exibido em suas páginas. Um fato importante que deve ser levado em consideração são os anúncios publicitários sobre skate veiculados na *Pop*. Numa publicidade[13] da marca de picolés *Gelato*, por exemplo, contida na edição de abril de 1979, fica evidente a associação entre skate, juventude e consumo. Após o anúncio do logotipo da marca, eram exibidos picolés decorados com imagens de skatistas, entremeados de frases como "Fera que é fera toma Gelato". Chamar skatistas ou mesmo surfistas de "fera" era uma das gírias mais veiculadas por esta publicação. Na época, skate "arrepiava", e bons skatistas eram "feras" do esporte, como anunciava uma reportagem sobre um "torneio" de skate em São Paulo no ano de 1979: "Um show de skate no encontro das feras!". Seguindo a leitura, uma outra gíria, ainda pouco usada na época, começava a despontar: trata-se de "radical", um termo hoje já banalizado pela televisão. Lia-se na sequência da matéria: "As feras mais *radicais* do nosso skate se encontraram na pista do *Wave Park*, em São Paulo, para disputar um torneio incrível".

Assim, o termo "radical", utilizado enquanto sinônimo de uma ação extrema ou perigosa, começava a aparecer na mídia como algo que poderia caracterizar e mesmo definir essas novas atividades. De fato, atualmente, muitos desses esportes californianos ficaram conhecidos pela alcunha de "esportes radicais". O educador físico Ricardo Ricci Uvinha (2001, p. 22), autor de um livro intitulado "Juventude, Lazer e Esportes Radicais", coloca que existe até mesmo uma classificação para essas novas atividades físi-

[13] Revista *Pop*, n. 78, 1979, p. 57.

cas levando em conta o ambiente em que são praticadas, dividindo-as em esportes radicais aéreos, aquáticos e terrestres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *Pop*, certamente, contribuiu para a divulgação da prática do skate pelo país. No entanto, nos anos finais da década de 1970, surgiram no mercado editorial brasileiro duas novas revistas destinadas ao jovem, mas diferentemente da *Pop*, essas não englobavam a cultura jovem como um todo, mas sim se dirigiam mais especificamente àqueles que praticavam os aqui chamados "esportes californianos", em especial, aos skatistas. Trata-se da Revista *Esqueite,* publicada em 1977, e da Revista *Brasil Skate*, publicada em 1978.

A Revista *Esqueite* foi primeira revista específica sobre skate no Brasil, o que revela ser este agrupamento social e esta prática esportiva um fenômeno em expansão no período. Uma análise de sua primeira edição, que teve na figura de Waldemiro Barbosa da Silva seu principal diretor, pode revelar aspectos importantes para a compreensão desta atividade e de sua relação tanto com a americanização quanto com a juvenilização da cultura brasileira.

Embora com o nome de *Esqueite*, numa tentativa de criar um neologismo em português para o termo norte-americano *skate*, essa publicação demonstra o quanto o desenvolvimento desta prática no Brasil baseou-se no que foi feito nos Estados Unidos. Uma das principais matérias da publicação chamava-se "124 manobras do skate", uma tentativa de catalogar e explicar as manobras existentes até o momento. O skate em si já era uma novidade para a época, explicar as manobras existentes para quem quisesse iniciar-se nesta atividade era uma questão de divulgar o esporte, procurando na didática dos movimentos uma forma de conquistar novos adeptos. Segundo a revista, até o ano de 1977 haviam sido inventadas 130 manobras, sendo que ela iria catalogar a quase totalidade dos truques existentes, ou seja, 124.

Mas esses truques, conforme pode ser visto nesta publicação, tinham todos seus nomes em inglês: *Kick-turn, Nose-w heelie, Kneelie* etc. Nomes que ofereciam ao vocabulário vernáculo o uso do inglês como um código a ser apreendido e dominado entre os skatistas brasileiros. Até hoje, como pode ser observado nas atuais revistas específicas sobre esta atividade existentes

no mercado, como a *Vista*, a *Tribo* ou a *100%*, as manobras de skate, que há muito já passaram das 130 existentes no ano de 1977, continuam tendo seus nomes em inglês. O uso dessa língua, não somente para nomes de manobras, mas para batizar marcas de skate, jargões e gírias, estruturou-se como um código de comunicação entre os skatistas, o que revela a influência norte-americana na formação e direcionamento desses novas práticas que foram, desde pelo menos os anos finais de 1960, consolidando-se no Brasil.

A *Brasil Skate*, a outra revista do período, editada entre maio e setembro de 1978, circulou em bancas brasileiras sob a distribuição e coordenação de Fernando Chinaglia; sendo que seu enfoque, segundo um de seus editores[14], era "mostrar a nova onda concreta... O skate que começou como uma extensão do surf e estava ganhando independência, caminhando numa nova direção com pistas de skate, campeonatos e uma cultura própria"[15]. Uma leitura de alguns trechos do primeiro editorial dessa publicação ajuda a revelar o quanto o skate era algo novo na época, mas também atesta sua expansão no período.

> Não se impressione, não se surpreenda ao se dar conta que você tem na mão uma revista de skate. É um passo natural que a evolução do esporte origina. Talvez digna de espanto e principalmente de admiração seja a rapidez com que o skate se desenvolveu no Brasil. A terra do rolimã, já passa a ser a terra das rodas de uretano, dos eixos e tábuas cientificamente pesquisados, das pistas de skate. Não há dúvidas; o skate é uma realidade concreta (ou sobre o concreto) que cada dia sobe mais um degrau na escala do crescimento. [...] Esta é uma revista sobre um assunto de crescente importância no Brasil, Skate.[16]

Embora nos anos 70 o Rio de Janeiro fosse o pólo mais significativo em matéria de skate, haja vista lá ter sediado, conforme dados colhidos da revista *Tribo Skate*[17] - além das duas únicas revistas sobre skate existentes na década de 1970 - o primeiro campeonato de skate do Brasil, ocorrido no

[14] O carioca Cesinha Chaves, o mesmo que escreveu a primeira parte do livro "A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil".

[15] Por meio da Internet, foi possível encontrar Cesinha Chaves (ele mantém um site de skate cujo endereço é www.brasilskate.com.br) e realizar uma entrevista on-line. Este depoimento foi retirado de uma entrevista concedida por ele em novembro de 2005 (arquivo do autor).

[16] Revista *Brasil Skate*, n. 1, maio/junho de 1978.

[17] Revista *Tribo Skate*, n. 50, 1999, p. 36-41.

ano de 1974 no Clube Federal, a inauguração da primeira pista de skate da América Latina, construída no município de Nova Iguaçu em 1976 e a primeira demonstração de uma equipe de skate, realizada no Clube de Regatas do Flamengo em 1977; não se pode desprezar sua prática também em outras regiões do Brasil.

Ainda segundo essa mesma fonte, em 1970, skatistas do bairro do Sumaré, em São Paulo, deslizavam por suas acentuadas ladeiras; em 1977, os paulistas praticavam skate numa pista em Alphaville, e, no ano seguinte, teve início em São Paulo o torneio Luau de Skate, realizado no Círculo Militar para um público de aproximadamente 2.500 pessoas. Em 1978 aconteceu em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, um campeonato brasileiro na pista de Jurerê; neste mesmo ano, surgiram em São Paulo outras pistas próprias para o skate, como a *Cashbox* e a *Franete*. Também em 1979, no Rio Grande do Sul, foi construída a *Swell Skatepark* no município de Viamão, o parque da Marinha de Skate, em Porto Alegre e o *Ramon´s Bowl* em Novo Hamburgo; e a *Hering*, marca de roupas, deu início ao primeiro circuito brasileiro de skate, com provas seletivas em Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

Conforme também anuncia o editorial da revista *Esquiete*, na década de 70 esta prática, embora tenha no Rio de Janeiro seu canal mais expressivo, passou a "virar coqueluche em lugares como Brasília, Minas Gerais, São Paulo e grande parte do Paraná"[18]. Toda esta expansão do skate pelos Estados brasileiros leva a refletir sobre o desenvolvimento das fábricas e de uma indústria própria a esta atividade. O curioso é notar como um fenômeno surgido na espontaneidade das brincadeiras de rua juvenis acabou contando com um mercado altamente específico e organizado.

A esportivização do skate, fenômeno que tem início, portanto, a partir da década de 1970, com a criação daquilo que Pierre Bourdie chamou de "campo esportivo"[19] pode interessar ao historiador do contemporâneo por trazer questões que vão além das acrobacias e técnicas corporais. Assim, não se trata de pensar uma história dos esportes californianos, mas sim de problematizar questões relacionadas a imaginários e processos culturais

[18] Revista *Esqueite*, n. 1, 1977, p. 2.

[19] Apoiado em Pierre Bourdie, Ademir Gebara coloca que para se fundar uma história do esporte, é preciso pensar na existência de um "campo esportivo", onde se defrontam múltiplos agentes, como esportistas, jornalistas, juízes de campeonatos, aficionados etc. GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: *Esporte*: história e sociedade. PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo. Campinas: Autores Associados, 2002.

juvenis. De acordo com Peter Burke (2005, p. 78), sabe-se que muitos historiadores europeus passaram a estudar com maior intensidade as manifestações esportivas a partir das contribuições teóricas de alguns pensadores, em especial as de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Norbert Elias. As obras desses quatro estudiosos, somadas às contribuições do historiador Roger Chartier à historiografia, sobretudo suas elaborações complementares às noções de "práticas" e "representações", propiciaram novos caminhos a serem trilhados na constituição deste domínio histórico.

O que é importante ressaltar, no entanto, é que se até bem pouco tempo atrás, como lembra a historiadora Patrícia Falco Genovez (1998), os esportes não eram percebidos como fenômenos históricos, esse quadro vem passando por intensas modificações atualmente, sendo que a própria ANPUH/Nacional, chegou a sugerir ao CNPq a inclusão da "História do Esporte" como uma nova área de conhecimentos. De acordo com Victor Andrade de Melo (1999), é a partir do final da última década do século XX que se pode notar, no Brasil, um aumento exponencial no número de estudos históricos ligados ao esporte e as práticas corporais em função, objetivamente, tanto de fatores relacionados aos desdobramentos internos da historiografia quanto com o aumento na quantidade de cursos de pós-graduação no país.

Ao se pensar, portanto, o processo de esportivização do skate no país – ou em outras palavras, ao se pensar o skate inserido numa temporalidade histórica – uma questão se coloca central: como foi possível o skate entrar para o século XXI como um dos grandes símbolos da juventude contemporânea? Em parte, tal problematização é oriunda da influência da obra e dos estudos de Michel Foucault, que embora nunca tenha se detido a analisar práticas esportivas juvenis, acabou por colaborar com a produção dos estudos históricos por tratá-los com o objetivo não de reconstituir fatos, mas sim de investigar no passado algumas questões referentes à atualidade[20], ou, como coloca Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2000, p. 84)

> Tudo se passa como se em vez de Foucault perguntar pela identidade dos seres (o que é tal ser?) ele preferisse começar pela questão: como foi possível tal ser chegar a ser o que ele é? Assim, em vez de indagar, primeira-

[20] Sobre esse entendimento de Michel Foucault sobre a História, ler suas entrevistas cedidas ao filósofo e jornalista Roger-Pol Droit. FOUCAULT, Michel. *Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

> mente, o que é o esporte, o corpo, o lazer, perguntar-se-ia como cada tipo de atividade e de valor esportivo (ou de corpo e de lazer) ganhou importância e naturalidade.

Além, todavia, de uma pesquisa com características mais voltadas para a História, a prática do skate e os esportes californianos em geral possibilitam inúmeras questões pertinentes à Sociologia do Esporte, à Antropologia Urbana ou à Antropologia do Esporte. Cabe, no entanto, aos pesquisadores com maior aderência a estes campos de investigação problematizar o objeto de acordo com as concepções teórico-metodológicas de suas áreas de atuação, o que possibilitará, num futuro próximo, aproximar tais áreas para estudos de caráter interdisciplinar e com isso a formação de um maior campo de conhecimentos e olhares sobre os esportes californianos/radicais em expansão na contemporaneidade.

*Artigo recebido em 15 de janeiro de 2009.*
*Aprovado em 11 de maio de 2009.*

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira de. *A modernização da imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AGUIAR, Tiago Cambará. *O bom, o mau e o feio*: o design gráfico da indústria do skate. 2008. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro.

AMÉSTICA, Miguel Cornejo; CLAVERÍA, Alejandro Villalobos; ETCHEPARE, Gamal Cerda; MONTOYA, Liliana Cuadra. El Skate Urbano Juvenil: una prática social y corporal en tiempos de la resignificación de la identidad juvenil chilena. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 39-53, set. 2006.

BODY-GENDROT, Sophie. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (orgs.). *História da vida privada* (Da primeira Guerra a nossos dias). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

BORGES, Luis Fernando Rabello. *O processo inicial de formulação de produtos de mídia impressa brasileira voltados ao público jovem*: um estudo de caso da revista Pop. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo-RS.

_____. Mídia impressa brasileira e cultura juvenil: relações temporais entre presente, passado e futuro nas páginas da revista Pop. INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., Belo Hori-

zonte/MG, setembro de 2003;

BRANDÃO, Leonardo. *Corpos deslizantes, corpos desviantes*: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados-MS.

BROOKE, Michel. *The concrete wave*: the history of skateboarding. EUA: Warwick House Publishing, 1999.

BURKE, Peter. *O que é história cultual?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHAVES, César. Anos 70. In: *A onda dura*: 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954- 1964)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

FORTES, Rafael. Notas sobre surfe, mídia e história. In: *Recorde*: Revista de História do Esporte, v I, n. 2, dez. 2008.

FOUCAULT, Michel. *Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo. *Esporte*: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio de Clio: o esporte como objeto de estudo da História. *Lecturas*: Educacion Física Y Deportes, Bueno Aires, ano 2, n. 9, 1998.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. Publicado em: Associação Nacional de História – Núcleo Regional de São Paulo. Anais do XVII Encontro Regional de História: *O Lugar da História*/ Sylvia Bassetto, Coordenação Geral. Campinas: UNICAMP, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do esporte no Brasil*. São Paulo: Ibrasa, 1999.

NOLL, Rhyn. *Skateboard retrospective* . EUA: Schiffer Book, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos*: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: REIS FILHO, Daniel A. *et al.* (orgs.). *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

PUTERMAN, Paulo. *Indústria cultural*: a agonia de um conceito. São Paulo: Perspectiva, 1994.

RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *O século XX*: o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. Consumir é ser feliz. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (org.). *Corpo e moda*: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri-SP: Estação das Letras/Cores Editora, 2008. p. 57-66.

_____. Representações sociais da liberdade e do controle de si. In: *Revista Histórica*, São Paulo, v. 5, 2005.

_____. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. In: *Motrivivência*, ano XI, n. 15, ago. 2000.

_____. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloisa; GUTIERREZ, Gustavo (orgs.). *O corpo e o lúdico*: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados/UNICAMP, 2000.

SILVA, Eliazar João da. *A taça do mundo é nossa!*: o futebol como representação da nacionalidade. Governador Valadares: Ed. Univale, 2006.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (coords.). *História do corpo*: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 197-250.

_____. *História da beleza*: o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.